O tipo ideal weberiano: presença e representação em obras de Zygmunt Bauman

JENERTON ARLAN SCHÜTZ*
EDINALDO ENOQUE DA SILVA JÚNIOR**

Resumo: Dentre tantos outros métodos de pesquisa em Ciências Sociais e Humanas o tipo ideal de Max Weber é mais uma ferramenta de suporte na busca contínua que é compreender as relações humanas e sociais. Ademais, apresenta-se o modelo weberiano como um suporte teórico e metodológico de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. A partir da análise bibliográfica, objetiva-se compreender como o método weberiano está representado em obras do sociólogo Zygmunt Bauman. Desse modo, a presente pesquisa apresenta-se como uma possibilidade de compreensão do método weberiano e de sua aplicabilidade em estudos sociais.

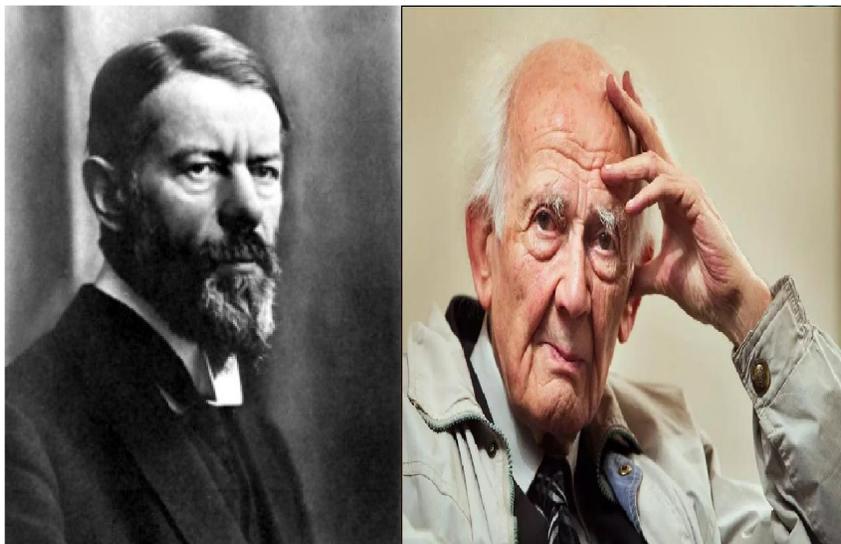
Palavras-chave: Bauman; Indivíduo; Tipo Ideal; Sociedade; Weber.

The ideal type weberian: presence and representation in works of Zygmunt Bauman

Abstract: Among many other research methods in Social Sciences and Humanities the ideal type of Max Weber is another tool of support in the continuous search that is to understand human and social relations. In addition, the Weberian model is presented as a theoretical and methodological support for research in Human and Social Sciences. From the bibliographical analysis, it is aimed to understand how the Weberian method is represented in the works of sociologist Zygmunt Bauman. Thus, the present research presents itself as a possibility of understanding the Weberian method and its applicability in social studies.

Key words: Bauman; Individual; Ideal Type; Society; Weber.

* **JENERTON ARLAN SCHÜTZ** é Doutorando em Educação nas Ciências (Unijuí), Mestre em Educação nas Ciências (Unijuí), Especialista em Metodologia de Ensino de História (Uniasselvi), Licenciado em História e Sociologia (Uniasselvi) e Licenciado em Pedagogia (FCE). Bolsista CAPES. E-mail: jenerton.xitz@hotmail.com

** **EDINALDO ENOQUE DA SILVA JÚNIOR** é Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), Especialista em Ciências Sociais (UNOESC), Licenciado em História (UNOESC). Professor horista de História no SENAI e no Colégio Jesus Maria e José. Professor de História no Estado de Santa Catarina. E-mail: enoquesmo@hotmail.com

Max Weber (1864-1920) e Zygmunt Bauman (1925-2017)

Introdução

O presente texto tem como tema de discussão o modelo de análise weberiano, denominado de “tipo ideal” em sua aplicabilidade nas Ciências Sociais. Para tanto, optamos por analisar o conceito do modelo tipo ideal em Max Weber e seus comentadores e, por conseguinte, em obras do sociólogo Zygmunt Bauman[1], a fim de objetivar o uso do modelo tipo ideal em seus escritos.

A problemática central desse artigo, além da análise do conceito weberiano e de sua aplicação prática, é possibilitar a continuidade da discussão acerca das metodologias de pesquisa nas Ciências Sociais. A opção metodológica para tal empreitada se dá pela investigação de textos escritos por Max Weber e Zygmunt Bauman autores e de alguns de seus comentadores.

Compreendemos que o conceito de tipo ideal presente na perspectiva epistemológica de Max Weber, refere-se a uma construção *parcial* da realidade, em que o pesquisador seleciona características, observa elementos e passa a construir um todo inteligível dentre outros vários possíveis.

O tipo ideal é obtido mediante o conjunto de vários fenômenos analisados de forma macro, que, a fim de melhor compreensão do observador o reduz ao micro para poder extrair da sua observação o maior conjunto possível de verdades, tendo a clareza da sua instabilidade.

Assim sendo, não pretendemos forçar esquematicamente a história infinita e multifacetária, mas, apenas criar conceitos úteis para finalidades especiais e para a orientação. Sendo usado como uma ferramenta de aproximação com o objeto estudado, o tipo ideal é um instrumento importante para uma

[1] A opção por Bauman deve-se em virtude de sua grande influência e presença nas produções e análises sobre a sociedade contemporâneas, além de entender que há, em suas obras, a representatividade do tipo ideal weberiano, o que possibilita tal convergência.

exposição preliminar de um certo fenômeno, além disso, possui um certo valor heurístico[2].

A metodologia desenvolvida por Weber pode ajudar na compreensão de determinados aspectos que interessam para uma análise específica, por meio de um confronto entre o real e o não-real, entre aquilo que é idealizado e o empírico. Entre as convergências e divergências encontradas, o método desenvolvido por Weber auxilia na descrição e no esclarecimento da realidade pesquisada. Em meio a miríades de possibilidades de análises em Ciências Sociais, o tipo ideal se apresenta como mais um meio de compreender a realidade na qual vivemos. Longe de se propor o melhor ou mais completo método de análise.

É sabido das falhas epistêmicas que o tipo ideal apresenta bem como seu potencial (MORAES, 2003). As falhas apontadas pelos críticos desse modelo seriam de ordem totalizante, destarte, acusam o modelo tipo ideal de totalizar a realidade como sendo apenas uma. Como se os aspectos de um dado sociológico acontecessem de modo indistinto em toda parte, recusando assim compreensões mais amplas da realidade.

Os adeptos desse modelo (COHN, 1979), veem, assim como sugere Weber, isto é, o tipo ideal como um aporte, como um recorte da realidade analisada, de modo a compreender aspectos próprios criados ou formulados pelo observador a partir de leituras prévias, ou seja, ao criar um modelo tipo ideal de análise, o pesquisador não parte do nada, mas sim da sua vivência como pesquisador inserido no ambiente da sua pesquisa.

Ademais, num primeiro momento, aborda-se o modelo tipo ideal em estado puro, ou seja, tal qual concebido por Max Weber e também seus comentadores. Não obstante, tematiza-se sua aplicabilidade, suas condições de análise, suas vantagens e também desvantagens. Num segundo momento, analisa-se o modelo tipo ideal em sua aplicabilidade. Para isso, optamos por algumas obras (2001, 2005, 2008, 2009, 2010, 2011) do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, a fim de compreender o modelo tipo ideal sendo utilizado em estado empírico. Outrossim, pretendemos compreender como o modelo é utilizado pelo sociólogo (Bauman) para a compreensão dos fenômenos sociais.

O tipo ideal de Max Weber

O recurso metodológico encontrado no tipo ideal de Max Weber permite a explicação de ações sociais que ocorrem sob determinadas condições, desse modo, o método possibilita uma análise sociológica da realidade empírica, a partir de conceitos rigorosos. É importante ressaltar que o tipo ideal não submete a sociedade em tipificações que são previamente definidas e que sejam imutáveis, todavia, o recurso metodológico, permite produzir uma coerência ao ordenamento do real e a explicação causal dos fatos históricos:

> Qual é, em face disso, a significação desses conceitos de tipo ideal para uma ciência empírica, tal como nós pretendemos praticá-la? Queremos sublinhar desde logo a necessidade de que os quadros de pensamento que aqui tratamos, 'ideais' em sentido puramente lógico, sejam

[2] A expressão "heurístico" tem a ver com uma hipótese de trabalho adotada provisoriamente, como ideia diretriz, na pesquisa dos fatos.

> rigorosamente separados da noção do dever ser, do "exemplar". Trata-se da construção de relações que parecem suficientemente motivadas para a nossa imaginação e, consequentemente, 'objetivamente possíveis', e que parecem adequadas ao nosso saber nomológico. (WEBER, 2004, p. 107).

A construção de um tipo ideal contribui para precisar o conteúdo de diversos conceitos e é precedida justamente pelo recorte dos elementos conceituais de um fenômeno social, através do qual, as inter-relações são confrontadas com formas típicas dispostas pelo pesquisador. Não obstante, "somente desta maneira, partindo do tipo puro ('ideal'), pode realizar-se uma casuística sociológica." (WEBER, 1999, p. 12).

Nesse sentido, podemos compreender que sem um rigor conceitual, não existe uma ciência digna desse nome. O método naturalístico conta com o benefício de ter conceitos unívocos, como potência, massa, força, energia, entre outros. Porém, utilizadas pelas Ciências Humanas, estas mesmas noções ficam vagas e dão margem a todos os equívocos, ou seja, a todas as confusões possíveis.

As noções de capitalismo, socialismo, comunismo, protestantismo, trabalho ou de produção, a História e também a Sociologia esbarram em dificuldades ainda maiores, por causa das variações que estes conceitos sofrem segundo as épocas.

Se observarmos durante a história, por exemplo, o que se entendia por calvinismo, no século 17, não corresponde ao que entendemos hoje pelo mesmo vocábulo. De modo idêntico, podemos afirmar que, certamente, todo mundo compreende alguma coisa por esse termo, mas esta indistinção não pode satisfazer o pesquisador.

O historiador e o sociólogo, por exemplo, acreditam descrever cientificamente a realidade e, no entanto, sua linguagem é formada por termos não trabalhados pela reflexão, desprovidos de toda univocidade, dos quais se extrai a significação por sugestão, sem qualquer segurança nem exatidão. Porém, como poderia uma análise ser precisa, se os meios intelectuais empregados não o são?

A partir da busca de um rigor suficiente para os conceitos utilizados pelo método histórico Weber criou a noção do tipo ideal.

> Obtém-se um tipo ideal, diz ele, acentuando unilateralmente um ou vários pontos de vista e encadeando uma multidão de fenômenos isolados, difusos e discretos, que se encontram ora em grande número, ora em pequeno número, até o mínimo possível, que se ordenam segundo os anteriores pontos de vista escolhidos unilateralmente para formarem um quadro de pensamento homogêneo. (FREUND, 1987, p. 48).

Assim, o tipo ideal designa o conjunto dos conceitos que o especialista das Ciências Humanas constrói unicamente para os fins da pesquisa. É o tipo ideal o modo de construção de conceitos peculiar ao método histórico ou individualizante, cujo objeto sabemos que é estudar a realidade e os fenômenos em sua singularidade.

O problema do pesquisador está em querer explicar, por exemplo, o capitalismo, o protestantismo enquadrando-os sob os termos gerais da economia e da religião, isso é omitir os

aspectos que constituem sua originalidade. Chega-se a um resultado insignificante quando se tenta determinar essas realidades singulares pela adição das características comuns a todas as formas de capitalismo ou de protestantismo, ou então pelo estabelecimento de uma média dos traços peculiares às diversas formas desses dois fenômenos. Não obstante, o mesmo problema surge na História e na Sociologia, quer se trate de esclarecer o conceito de cidade grega, quer os de economia rural, artesanato, socialismo, desigualdade etc.

Assim, acredita Weber ter encontrado a solução do problema no conceito de tipo ideal entendido de certa maneira. O método busca conceituar em fenômenos concretos o que eles possuem em particular, acentuando algumas características, constituindo um conceito individualizante em oposição a uma conceituação generalizante. Para Amorim (2001, p.75), "O tipo ideal é, na verdade, um recurso heurístico utópico através do qual o cientista ordena uma série de aspectos recorrentes da [leitura da] realidade".

Desse modo, o método busca depurar as propriedades que os fenômenos reais possuem, desencarnando-os a partir da análise, para posteriormente poder reconstruí-los. Cabe lembrar que Weber, em hipótese alguma, concebe o tipo ideal como fim do conhecimento, no sentido em que deveriam resumir ou conter a realidade e formar um sistema completo da ciência. Um quadro metodológico não passa de instrumentos, de meios heurísticos destinados a dar uma univocidade significativa ao objeto de pesquisa.

O valor se deixa, pois, determinar unicamente por sua eficácia e sua fecundidade na pesquisa. Em si mesmos, não são, pois, verdadeiros e nem falsos, porém, como todo instrumento técnico, são úteis ou inúteis. Como a pesquisa é indefinida, é necessário que os conceitos sempre estejam superados, pois o conhecimento só progredirá em virtude dessa superação.

Desse modo, é necessário elaborar tipos ideais sempre novos, não somente pelo fato da civilização sempre levantar problemas novos, mas também porque a humanidade não cessa de indagar, diante de outros pontos de vista, a realidade que ela acredita conhecer. Esse fato impõe ao pesquisador o cuidado e o rigor.

> Justamente por ser o conteúdo dos conceitos históricos necessariamente variável, é que é indispensável formulá-los sempre com maior precisão. Exigir-se-á apenas uma coisa: a necessidade de manter com precaução seu caráter de tipo ideal no momento de os utilizar e não confundir o tipo ideal com a história. Como, por causa da variação inevitável das ideias de valor diretivas, não poderia haver conceitos históricos verdadeiramente definitivos, suscetíveis de serem considerados como o fim último e geral do saber, admitir-se-á que, tendo-se construído conceitos rigorosos e unívocos sob o ponto de vista singular que orienta o trabalho, poder-se-á claramente tomar consciência dos limites de sua validade. (FREUND, 1987, p. 53).

O pesquisador, conforme a necessidade poderá construir diferentes tipos ideias de um mesmo fenômeno e precisamente o número que lhe parecer necessário

para compreendê-lo cada vez melhor a partir de diferentes e de todos os pontos de vista possíveis.

O papel do tipo ideal é, pois, ser um fato de inteligibilidade, nos dois níveis da pesquisa e da exposição. Tomemos o primeiro aspecto, a construção do tipo ideal permite formar julgamentos de imputação causal[3], não pelo fato de reivindicar a qualidade de uma hipótese, mas sim porque guia a elaboração das hipóteses, com base numa imaginação nutrida da experiência e disciplinada por um método rigoroso, este é o ponto essencial. O tipo ideal serve, por assim dizer, de instrumento de medida.

Nessa direção, poderíamos dar um exemplo, estudar o artesanato na Idade Média. A partir do estudo, construir-se-á um tipo ideal com base nas características da organização artesanal, comparar-se-á em seguida a realidade empírica, a fim de determinar se a sociedade medieval era puramente artesanal ou não, ou se elementos de outra forma econômica (capitalismo) já não se revelaram.

Nessas condições, a construção do tipo ideal da economia urbana na Idade Média permitirá precisar até que ponto uma determinada cidade obedecia a este regime econômico, ou vivia sob princípios de um regime mais antigo, ou numa nova organização.

A irrealidade do tipo ideal lhe dá o significado de um conceito limitado, que permite medir o desenvolvimento real e esclarecer a vida empírica quanto a seus elementos mais importantes. O historiador ou o sociólogo que renunciam às construções de tipos ideais – por serem inúteis ou pesadas –, as empregam mesmo assim, mesmo de forma inconscientemente, de maneira que lhes acontece fazerem passar seus julgamentos de valor por ciência, ou ficarem enterrados na esfera do que é puramente percebido.

Dessa forma, o que seriam os termos de capitalismo, cristianismo, protestantismo, feudalismo, valor, sociedade industrial, senão tipos ideais? Nada impede o pesquisador de proceder por sugestão, mas assim agindo não deve pensar que está realizando uma obra científica.

Assim sendo,

> [...] nas ciências da realidade humana deve-se distinguir duas orientações: uma no sentido da história, do relato daquilo que não acontecerá uma segunda vez, a outra no sentido da sociologia, isto é, da reconstrução conceitual das instituições sociais e do seu funcionamento. Estas duas orientações são complementares. Max Weber nunca diria, como Durkheim, que a curiosidade histórica deve subordinar-se à investigação de generalidades. Quando o objeto do conhecimento é a humanidade, é legítimo o interesse pelas características singulares de um indivíduo, de uma época ou de um grupo, tanto quanto pelas leis que comandam o funcionamento e o desenvolvimento das sociedades. [...] A ciência weberiana se define, assim, como um esforço destinado a

[3] Trata-se de uma relação íntima entre a análise dos acontecimentos e a formulação de proposições gerais. A investigação causal pode se orientar em dois sentidos: causalidade histórica e causalidade sociológica. A primeira determina as circunstâncias únicas que provocaram um certo acontecimento. A segunda pressupõe a determinação de relação regular entre dois fenômenos. Por exemplo: o fenômeno A favorece mais ou menos fortemente o fenômeno B.

> compreender e a explicar os valores aos quais os homens aderiram, e as obras que construíram. (ARON, 1982, pp. 469 – 470).

É diante dos aspectos do método weberiano, aqui sinteticamente apresentados, que se torna possível afirmar a validade dos argumentos e dos problemas sociológicos abordados por Weber ao longo de sua trajetória, a fim de efetivar análises sociais contemporâneas que estejam para além da simples reprodução do senso comum, ou das meras constatações jornalísticas.

O modelo tipo ideal na obra de Zygmunt Bauman

Como exposto, o tipo ideal ou tipo puro de Max Weber é um método que possibilita um recorte da realidade, que dá ao pesquisador mecanismos para que ele possa compreender a realidade ou possível realidade do seu objeto de estudo de forma mais ampla e abrangente. É um recorte da realidade que, somado a outros, possibilita compreender a realidade das ações sociais e humanas.

É um modelo criado pelo pesquisador, logo, não há tipos ideais cristalizados. Cada pesquisador cria o modelo tipo ideal a partir das suas observações, de seus interesses, mas sem deixar de lado o diálogo com outros pensadores. Não é dado como finalizado e nem se põe como metaexplicativo ou metanarrativo, mas como instrumento de percepção e compreensão de um fato social a partir das necessidades compreensivas de cada pesquisador.

O tipo ideal, muitas vezes, sofre a acusação de ser generalista, de absolutizar um fenômeno ou pecar por não abranger o todo que cerca determinado aspecto estudado. De fazer com que um dado objeto de estudo seja generalizado como se sua causa ou consequência partisse do mesmo fato, ou de omitir conceitos ou categorias importantes que cercam a realidade ideal criada.

No entanto, o tipo ideal, como Max Weber o concebe, é uma ferramenta de compreensão da realidade, não algo com o objetivo cristalizado, finalizado ou concluso. O ideal tipo é criado para, em comparação com a realidade vivida, apresentar suas semelhanças e nuances, revelando o que é ou não real. Não é um recorte da realidade, é um constructo teórico posto sobre a realidade para compreendê-la

Nesse sentido, Bauman (2001, 2005, 2008, 2009, 2011) tem se mostrado o sociólogo por excelência que tem se valido do modelo tipo ideal de Weber para analisar a realidade contemporânea. Assim como o método, Bauman, muitas vezes, é injustamente acusado de sobrevalorizar elementos conceituais como se fizessem parte de modo geral em diversos aspectos da realidade social. Por exemplo, a ideia de que a identidade está liquefeita e que o que constitui identidades hoje é puramente o mercado consumidor.

O Tipo Ideal de Max Weber é utilizado por Bauman para analisar, compreender e explicar diversas categorias. Categorias como identidade, globalização, consumo, consumo de massa, crise política, fragmentação da sociedade, das relações de trabalho e afetivas, por exemplo, são analisadas em grande parte de sua obra por meio do tipo ideal.

Parece-nos a nós autores que ao tipificar a identidade, por exemplo, em dois modos tipo ideais – a identidade sólida

de um lado com suas características e conceitos, e a identidade líquida com suas características e conceitos –, Bauman descarta o meio, ou seja, o que caracteriza o *intermezzo* entre uma e outra. Supomos, a partir das obras pesquisadas: *Identidade* (2005); *Capitalismo parasitário* (2010); *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias* (2008); *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna* (2011); *Vida líquida* (2009); *A ética é possível num mundo de consumidores?* (2001), que Bauman não se preocupa com essa ligação.

O que o preocupa, e que fica evidente em seus escritos, é o modelo tipo ideal puro, tanto da modernidade sólida ou líquida com suas características bem marcadas, quanto a identidade que configura tais modernidades.

Bauman evita desse modo uma tarefa um tanto quanto enfadonha, repleta de idas e vindas, de notas de rodapé e quadros explicativos, destacando que a crise de identidade, por exemplo, categoria abordada em toda sua obra, não se encontra do mesmo modo na África ou na Indonésia, no interior do Brasil ou no Oriente Médio. Ao generalizar, Bauman deixa ao leitor identificar em quais e tais circunstâncias seus apontamentos se enquadram.

Nesse sentido, sua obra tipifica e generaliza a crise de identidade, o consumo massivo, a crise ética, a liquefação da modernidade de modo muito generalizante, o que dá margens a críticas. Como estamos compreendendo, porém, o método que Bauman utiliza para descrever seus conceitos é permitido tais generalizações, cabendo ao leitor novamente fazer as devidas distinções.

Seguindo nosso exemplo, a identidade e sua crise à qual se refere Bauman é fruto e produto de uma globalização marcadamente europeia e norte-americana. Do mesmo modo, o autor verticaliza seus impactos no restante do mundo como se tais crises se dariam ou se dão do mesmo modo em toda parte. Cria com isso um ideal tipo de identidade comunitária para contrapor essa identidade em crise que avança numa dicotomia entre sólido e líquido.

Se Bauman tivesse de analisar as identidades que ainda ou que nunca foram desse ou daquele modo, ele teria um problema de método e como mencionamos sua pesquisa e seus escritos seriam recheados de notas de rodapé, escusando-se dessa ou daquela generalização, por mais clara que seja tais generalizações.

Logo, para compreender a realidade descrita por Bauman um modelo generalizante é o mais adequado para compreender a realidade posta. Sem se preocupar, digamos assim, com muitas simplificações ou generalizações factíveis de grandes quadros explicativos.

Importante ressaltar que o modelo tipo ideal não é descoberta e nem uma criação do pesquisador. O tipo ideal surge da interlocução e dialogo com diversos pensadores. O que pode ser dado pelo pesquisador como subjetivo são as suas categorias, no entanto mesmo que sejam suas categorias, elas devem advir do universo social. Logo, analisar alguns conceitos em detrimento de outros faz parte de escolhas individuais de cada pesquisador levando em conta o que ele pretende abstrair da realidade dada.

A Identidade líquida e consumo no modelo tipo ideal baumaniano

Zygmunt Bauman é considerado um dos maiores sociólogos da atualidade. Seu pensamento é caracterizado por procurar compreender e descrever as mudanças do que para ele era o momento sólido da modernidade para outra, a atual, que ele denomina de modernidade líquida.

Nesse momento, o líquido da modernidade, o pensamento de Bauman é caracterizado por uma variedade de temas. Tem estudos sobre o consumo de massa e globalização, sobre a questão ética e o Estado moderno, sobre identidade, comunidade, sociedade, citando-se aqui os mais importantes.

A questão "identidade" está direita ou indiretamente sempre presente em sua obra. Grande parte dos escritos de Bauman, mesmo que não seja sobre a questão da identidade especificamente, converge para tal tema.

Indicamos alguns escritos de Bauman que abordam o tema: *Identidade* (2005); *Capitalismo Parasitário* (2010); *Vida em Fragmentos* (2011); *Vida Líquida* (2009); *Vida para consumo* (2008) e a *A ética é possível num mundo de consumidores?* (2001).

Em *Vida em Fragmentos* (2011, p. 113) Bauman dicotomiza dois modos de identidades; a sólida e a líquida de modo a parecer duas coisas completamente antípodas e separadas por um tempo ou por um espaço não muito claro, mas a diferença entre as duas é pontual como se não houvesse algo no meio, um entremeio às duas: "A principal ansiedade atrelada à identidade nos tempos modernos era a preocupação com a durabilidade; hoje, é a inquietação com o evitar o compromisso. A modernidade foi construída em aço e concreto; a pós-modernidade, em plástico biodegradável".

Essa omissão, fruto de intensas críticas, é perfeitamente compreensiva dentro do modelo ideal tipo por ele usado. Segundo Cohn (1979, p. 128):

> O tipo ideal é um modelo "caracterizador". Ele não se aplica aos traços médios ou genéricos de uma multiplicidade de fenômenos. Mas visa tornar o mais unívoco possível o caráter singular de um fenômeno particular. Seu princípio básico é genético: tais ou quais traços da realidade são selecionados e associados no tipo na estrita medida em que a ordem de fenômenos a que se refere é significativa para o pesquisador.

Importante destacar que Max Weber, ao contrário de outros sociólogos da sua época, fins do século 19 e início do 20, como Durkheim (2002) e Comte (1978), que se preocupavam com a sociedade como um todo, de modo positivo, Weber se preocupava com os sentidos que as ações sociais produziam e que produziram no passado. Como aquela sociedade se constituiu em vista das teias de relações sociais tecidas ao longo de séculos, em especial a partir do surgimento do ocidente.

Nesse sentido, é mais correto interpretar Bauman como aquele que se preocupa com a ação e a relação dos indivíduos entre si e na sociedade do que aquele que cria sistemas para solucionar os problemas por ele apresentados. Desse modo, Bauman seria mais filiado a corrente compreensiva da Sociologia do que à positivista ou funcionalista.

Bauman, em relação a sua identidade-tipo líquida parece-nos pessimista em contraste com o otimismo aparente da identidade dos tempos sólidos. Isso fica

evidenciado em *Identidade* (2005) onde observa-se outro aspecto do modelo tipo ideal, que é a da ação tradicional de cunho afetivo. É possível observar claramente em sua obra que Bauman mostra grandes reservas com o modo de vida contemporâneo em comparação com épocas anteriores. Essa ação está dentro do que Max Weber chama de ação afetiva ao seu oposto, ação racional.

Seu pessimismo se encontra essencialmente na liquefação da sociedade e na constituição de identidades frágeis atreladas ao consumo de massa. Logo, jovens, velhos e crianças estariam fadados a terem suas identidades comunitárias dissolvidas em detrimento da identidade-consumidor:

> Vagando de um episódio a outro, vivendo cada um deles de olhos fechados para suas consequências e mais ignorante ainda em relação a seu destino, guiada pelo impulso de apagar a história passada, e não pelo desejo de traçar o mapa do futuro, a identidade está presa para sempre no presente. Agora lhe foi negada sua significação permanente como alicerce do futuro. A identidade luta para abraçar coisas 'sem as quais não se pode estar nem ser visto' hoje, embora totalmente consciente de que, muito provavelmente, estas se transformando em coisas 'com as quais não se pode estar nem ser visto' amanhã. O passado de cada identidade está salpicado de latas de lixo em que foram despejadas, uma por uma, as coisas indispensáveis de dois dias atrás, transformadas nos fardos incômodos de ontem. (BAUMAN, 2007, p. 47).

Em relação ao consumo, outro exemplo:

> A cultura de hoje é feita de ofertas, não de normas. A cultura vive de sedução, não de regulamentação; de relações públicas, não de controle policial; de criação de novas necessidades/desejos/exigências, não de coerção. Esta nossa sociedade é uma sociedade de consumidores. E, como o resto do mundo visto e vivido pelos consumidores, a cultura também se transforma num armazém de produtos destinados ao consumo, cada qual concorrendo com os outros para conquistar a atenção inconstante/errante dos potenciais consumidores na esperança de atraí-las e conservá-las por pouco mais de um breve segundo. (BAUMAN, 2010, p. 34).

Em *A ética é possível num mundo de consumidores?* (2001) Bauman tipifica o oposto desse mundo de consumidores potenciais com a categoria de "refugo" ou consumidores "falhos". Desse modo, Bauman utiliza o modelo tipo ideal para caracterizar a sociedade, compreendê-la e explicá-la a partir do método de pesquisa escolhido por ele, que de acordo com nosso entendimento se caracteriza pelo modelo tipo ideal de Max Weber. Nesse sentido, Bauman utiliza como tipo ideal as metáforas do mundo líquido e sólido, ou da solidez e liquidez para refletir e diagnosticar as transformações no mundo contemporâneo.

Considerações finais

Max Weber cria ao desenvolver o método de análise que denominou tipo ideal, a possibilidade de um novo olhar sobre a ação humana e social. Sua atualidade é premente e a prova disso são os escritos de um dos mais conhecidos sociólogos contemporâneos Zygmunt Bauman. Bauman, autor de vasta obra sociológica, contribui

sobremaneira para a compreensão da realidade e do mundo no qual vivemos.

Ademais, procuramos esclarecer um dos conceitos presente na obra de Max Weber no que se refere ao seu método de pesquisa, que é o tipo ideal ou tipo puro. Num segundo momento analisamos o pensamento de Bauman, tendo como chave de leitura o método de Weber. Conceitos caros a Bauman, como identidade, consumo, globalização, solidez e liquidez por exemplo, são utilizados pelo autor para refletir à luz do modelo weberiano de tipo ideal a sociedade contemporânea.

Nossa intenção não foi a de apresentar o modelo tipo ideal como o melhor e mais completo modelo de análise, pelo contrário, sabemos das suas lacunas e procuramos apresentá-las. Objetivamos revelar como o tipo ideal é mais um dos muitos modelos de análise que podem ser usados por pesquisadores para a compreensão das relações humanas. Mais um subsídio para o desenvolvimento do entendimento dessa intrigante e complexa vida em sociedade.

Referências

AMORIM, Aluízio Batista de. **Elementos de sociologia do direito em Max Weber.** Florianópolis: Insular, 2001.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico.** São Paulo: Martins Fontes; Brasília: UnB, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Capitalismo parasitário.** Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

_____. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

_____. **Vida em fragmentos:** sobre a ética pós-moderna. Rio de janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Vida líquida.** Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

_____. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

COHN, Gabriel. **Crítica e resignação:** fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: T.A Queiroz, 1979.

COMTE, August. **Coleção os pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DURKHEIM, Émilie. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

FREUND, Julien. **A sociologia de Max Weber.** Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. Revisão de Paulo Guimarães do Couto. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MORAES, Lúcio Flávio Renault de. O paradigma weberiano da ação social: um ensaio sobre a compreensão do sentido, a criação de tipos ideais e suas aplicações na teoria organizacional. **Rev. Adm. Contemp.**, Curitiba, vol. 7, n. 2, apr/june. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552003000200004>. Acesso em: 12 de set. 2017.

WEBER, Max. A "objetividade" do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel. (Org.). WEBER, Max. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 2004. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

_____. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica Gabriel Cohn. Brasília, DF: UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

Recebido em 2018-08-02
Publicado em 2018-11-16